

SRETZER, Simon. *Fertility, class and gender in Britain 1860-1940*, Cambridge Studies in Population, Economy and Society in Past Time. Cambridge, Cambridge University Press, 1996

Isabela Gomes Carneiro*
Ana Amélia Camarano**

Fertility, class and gender in Britain, de Simon Sretzer, pode ser considerado um exemplo de trabalho multidisciplinar. Combina a Demografia com a História Social e a História das Ciências para discutir a teoria da transição demográfica e analisar a queda brusca da fecundidade na Inglaterra e País de Gales entre 1860 e 1940. A análise empírica foi baseada nos resultados da Pesquisa Nacional de Fecundidade realizada na Grã-Bretanha, sob a coordenação do General Register Office (GRO), em 1911.

O autor reconhece a existência e a importância de vastas linhas de estudos sociais e históricos que investigaram o desenvolvimento e as razões de mudanças amplas nos padrões reprodutivos. No entanto, critica o fato de que todos estes estudos assumem a existência de uma queda "geral" da fecundidade. Segundo ele, isso se deve, em parte, ao fato de eles estarem baseados na história inglesa, e também por tratarmos-na como um processo nacional ou unitário. Portanto, uma das grandes contribuições do livro de Sretzer é a proposta de uma nova abordagem de estudos sobre mudanças na fecundidade, envolvendo uma nova concepção

da inter-relação entre classes sociais, comunidade e fecundidade, bem como uma avaliação do papel do feminismo nas mudanças do comportamento reprodutivo.

Uma outra contribuição importante do livro é a análise empírica da Pesquisa Nacional de Fecundidade, já mencionada. A relevância desta pesquisa deve-se, por um lado, ao fato de ser a primeira pesquisa em nível nacional a fornecer dados sobre número de filhos, suas idades, a duração da união e a idade dos pais. Por outro lado, a investigação marcou a introdução da classificação inglesa oficial de grupos ocupacionais. Considerada como um modelo de classes ou de status, a *classificação ocupacional* inglesa divide a população em cinco grupos, ordenados hierarquicamente numa escala linear, segundo suas profissões e seus níveis de habilidades técnicas. Esta classificação serviu de base aos estudos sobre a queda da fecundidade na Inglaterra e País de Gales e seu papel como "retrato invariável" (tanto no tempo quanto no espaço) da estrutura social da nação perdura até hoje.

Fertility, class and gender in Britain está subdividido em quatro partes. A primeira parte

* Assistente de pesquisa do IPEA e Doutoranda da Unicamp.

** Pesquisadora do IPEA.

traça a história da teoria da transição demográfica e apresenta o interessante debate intelectual que a cerca; ou seja, faz uma revisão historiográfica crítica dos trabalhos realizados desde 1920 sobre a queda da fecundidade.

Sretzer assume a existência de um consenso quanto à utilização do modelo descritivo da teoria da transição demográfica, embora critique o seu caráter linear e unitário. Segundo tal teoria, o período pré-industrial, também chamado de pré-moderno, foi caracterizado por um regime de alta mortalidade e alta fecundidade. Num segundo momento da transição, a mortalidade era baixa, porém as taxas de natalidade eram ainda elevadas. O terceiro momento é marcado por taxas de mortalidade e de natalidade baixas. Paralelamente, a teoria considera que as consecutivas quedas da mortalidade e natalidade seguem uma lógica de classe: a transição ocorre inicialmente nas classes superiores e se difunde consecutivamente nas classes subseqüentes, até atingir a classe inferior.

Na segunda parte do livro, o autor questiona o fato de a queda da fecundidade inglesa ser conceituada como tendo adotada a forma descrita acima. Desde que se tem notícia da queda secular da fecundidade ocorrida nas ilhas britânicas na virada deste século, os cientistas sociais a têm analisado em termos dos grupos sociais, baseados no chamado *modelo dos diferenciais de fecundidade por classes sociais*, fundamentados nos dados do Censo de 1911 e na *classificação ocupacional*. Essa tem sido a interpretação oficial tradicional utilizada dos dados deste censo, considerada, sem questionamentos, o ponto de partida para qualquer estudo sobre a queda da fecundidade.

A *classificação ocupacional* inglesa foi estabelecida antes de os dados do referido censo terem sido coletados e não tem nenhuma fundamentação teórica — weberiana, marxista ou qualquer outra. A análise de Sretzer ilustra como a adoção de um modelo teórico por razões puramente metodológicas, sem base empírica, pode causar distorções na investigação, além de limitar as explicações obtidas. O resultado desta segunda parte é

uma revisão substancial da relação existente entre mudanças na fecundidade e classes sociais e sua desqualificação — e, como consequência, a do modelo descritivo da teoria da transição demográfica.

O autor inicia a terceira parte do livro com uma análise empírica do *modelo oficial dos diferenciais de fecundidade por classes sociais*. Uma vez liberto da camisa-de-força imposta pela classificação ocupacional, passa a analisar as mudanças nas taxas de fecundidade na Inglaterra e em Gales entre 1851 e 1911 para mais de 200 grupos ocupacionais desagregado por sexo, utilizando-se das tabelas publicadas no Censo de 1911. Uma de suas conclusões é a de que, neste período, as experiências de mudanças na fecundidade entre os vários grupos sociais e comunidades industriais das ilhas britânicas foram bastante variadas, e que estas histórias distintas foram o resultado de mercados de trabalho diferenciados por sexo e de mudanças nos papéis dos membros das famílias.

Sretzer propõe que se pense a queda nas taxas de fecundidade como o resultado de um processo múltiplo, gerado por uma série de causas. Segundo ele, os fatores que influenciam uma comunidade não são necessariamente os mesmos que influenciam outra. Daí a sua crítica à linearidade e ao caráter unitário da teoria da transição demográfica.

Em seguida, o autor examina os dados por categoria ocupacional para estudar os métodos utilizados pelas famílias visando a limitar a sua reprodução. Dentre outras, encontra evidências da extensão de práticas como a abstinência sexual dentro do casamento e da ausência de outras práticas contraceptivas. Do ponto de vista teórico, assim como Louis Henry, o autor distinguiu *fecundidade natural de fecundidade controlada* e examinou questões como "o encerramento" da vida reprodutiva e o "espaçamento" [dos filhos] com relação ao controle da vida reprodutiva. Concluiu que o espaçamento era uma estratégia contraceptiva importante mesmo no início da vida matrimonial.

Na quarta e última parte do livro o autor desenvolve uma abordagem antropológica e microdemográfica para analisar a evolução da fecundidade na Inglaterra e em Gales na segunda metade do Século XIX. Sretzer acredita que uma teoria deve explicar as tendências gerais da fecundidade e suas variações no interior de um país. Apoiado tanto nos trabalhos de Demografia quanto nas novas abordagens de História Social, sugere que a explicação para as variações nos regimes de fecundidade passa pelas diferentes percepções do custo relativo dos filhos. Tal formulação tem a vantagem de associar elementos econômicos, sociais e culturais numa mesma explicação. Nesta abordagem, o trabalho do demógrafo e do historiador consiste em identificar as comunidades ou grupos submetidos à mesma mudança de regime de fecundidade e, num segundo momento, pesquisar os elementos da vida cotidiana que expliquem uma mudança na percepção do custo relativo da maternidade.

O autor centra sua atenção em conceitos como classe e gênero, mas também "comunidades de comunicação", ocupação, sexualidade e identidade social são considerados elementos importantes para a compreensão do fenômeno da queda na fecundidade inglesa.

Sretzer reconhece que a abordagem proposta acima encontra dificuldades para sua implementação. Do ponto de vista empírico, não existem dados que permitam identificar tais comunidades. A solução encontrada para estudar o caso inglês foi utilizar os dados nacionais por ocupação. Do ponto de vista teórico, a categoria "comu-

nidades de comunicação" é relativamente fluida. O termo comunicação indica que construções culturais podem ajudar no entendimento das relações ao nível local, mas obscurece a importância de mecanismos institucionais na consolidação de normas e identidades sociais. Além do mais, é difícil encontrar indivíduos que pertençam a apenas uma comunidade.

Em sua análise da história da teoria da transição demográfica, o autor salienta tanto o uso de modelos lineares e unitários em Demografia como a ligação indissociável existente entre esse tipo de explicação e um modelo hierárquico e unidimensional da sociedade. Uma de suas conclusões é a de que o abandono de um traz, obrigatoriamente, a reformulação do outro. Para buscar os caminhos indicados pelo autor, exige-se o desenvolvimento de conceitos e ferramentas que permitam aos demógrafos abandonar as categorias oficiais e identificar as lógicas sociais atuais dentro das regularidades constatadas. Para Sretzer, a solução encontra-se na integração entre Demografia e História Social e, sobretudo, **nos/com** estudos culturais e locais.

A conclusão final do livro é a proposta de uma nova abordagem geral para o estudo de mudanças na fecundidade na Grã-Bretanha. Uma abordagem que, além de fornecer a base para uma nova interpretação histórica da queda da fecundidade britânica, pode ter sua aplicação ampliada a uma variedade de **eventos históricos e eventos contemporâneos**. Trata-se, enfim, de uma obra que contribui valiosamente tanto para a Demografia como para a História Social e a História das Ciências.